

A nova sociedade, segundo FH

Para presidente, está nascendo no Brasil uma classe que vota mas não tem representação

Roberto Stuckert/ 16-7-99

Jorge Bastos Moreno

BRASÍLIA

O presidente Fernando Henrique Cardoso lança um tema polêmico: acha que está surgindo no Brasil uma nova sociedade, formada por cidadãos que, sejam da classe operária ou da classe média, escapam aos canais de representação tradicionais — entidades de classe, sindicatos, partidos políticos. No caso da representação mais global e democrática da sociedade, o Congresso, a constatação do presidente é que esses segmentos, embora votem, não se fazem representar nas decisões vitais para o país e muito menos dispõem de organização sindical para pressionar deputados, senadores e o próprio Governo.

Em plena crise política provocada pela discussão sobre a nomeação de um delegado de polícia, o presidente percebeu que o Governo e o Congresso estavam praticamente paralisados por essa discussão enquanto a sociedade assistia, entre perplexa e indiferente, a um debate estéril, em que não estavam em pauta seus reais interesses. Por isso o presidente reuniu o Ministério e proclamou a necessidade de se rediscutirem as bases da sociedade brasileira, com o objetivo de preparar o país para a virada do século. Este, aliás, tem sido o grande sonho de Fernando Henrique: ser, para o novo milênio, o que dom Pedro II representou para a formação da sociedade brasileira.

Disposto a discutir as transformações da sociedade brasileira, principalmente o surgimento de uma classe média silenciosa, que não se manifesta pelos canais tradicionais de representação, o presidente aceitou dar um depoimento ao GLOBO sobre o que ele, por enquanto, vem discutindo apenas com interlocutores mais próximos.

NOVA SOCIEDADE

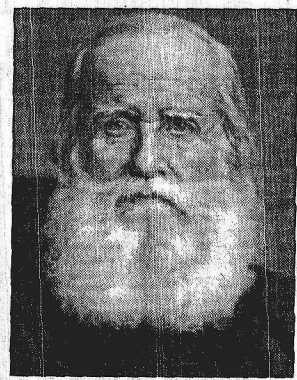
"Eu não tenho me referido apenas a uma nova classe média. Tenho me referido a uma nova sociedade. Ao dizer nova, não estou julgando se é melhor, pior ou igual à antiga. Estou apenas afirmando que houve muitas modificações e que essas modificações alteram as relações entre os grupos sociais e entre as classes. Em primeiro lugar, houve imensa segmentação ou mesmo fragmentação das antigas classes. Isto foi consequência de movimentos que têm a ver com a economia, com a cultura, com a educação, com um conjunto de valores que se alteraram profundamente nas últimas décadas. E nesta nova sociedade, certos segmentos certamente perderam status, perderam prestígio; outros ganharam; outros ficaram à margem. Os que tinham bastante prestígio não apenas deixaram de ter como ficaram bem longe dos centros de decisão e dos centros dinâmicos da nova sociedade. Vamos dar exemplos. No que diz respeito às classes trabalhadoras, ao mesmo tempo em que houve a formação de toda uma camada nova de trabalhadores, depois da Segunda Guerra e em especial nos últimos 30 anos, houve uma aceleração muito grande do desenvolvimento industrial do Brasil. Formaram-se novos polos dinâmicos, sobretudo no Centro-Sul. Esta nova classe foi simbolizada por São Bernardo, pelo ABC paulista. Ela se contrapõe à velha classe operária, que então era a da indústria têxtil, da indústria de construção civil, das indústrias mais tradicionais. Essa nova classe ganhou enorme ímpeto, sobretudo na década de 70 e de 80. E as antigas classes dos trabalhadores, dos antigos sindicatos, dos gráficos, dos têxteis etc. perderam dinamismo político, sendo substituídas pelas dos metalúrgicos, bancários, químicos e assim por diante."

A CRISE DO ABC

"Hoje se vê que no ABC de São Paulo há uma crise. Não que dizer que o ABC não esteja indo para a frente, mas está avançando em outros setores. O setor de serviços, sobretudo. Não que dizer também que essa classe trabalhadora integrada e sindicalizada desapareça. Ela continua. As representações políticas e mesmo sindicais, que foram formadas a partir dos anos 70 e 80, existem, estão presentes. Mas elas não abrangem nem mais as antigas classes trabalhadoras, porque estas, com o tempo, foram perdendo predominância na vida político-social do Brasil. E tampouco representam os novos setores, que estão existindo, por exemplo, no interior de São Paulo, do Paraná, de Santa Catarina, de Minas, do Rio Grande do Sul e mesmo do Nordeste. Aí já há pontos já de adensamento de setores trabalhistas que não têm a mesma, digamos, influência nos processos decisórios que têm aqueles que foram os novos trabalhadores da década de 70 e de 80. Estes hoje continuam tendo sua participação, mas



FH IDENTIFICA uma nova classe média e operária, ligada a setores modernos da economia como a indústria da informática

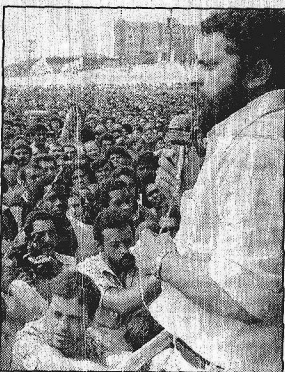


DOM PEDRO II

• Foi aclamado imperador em 1831, ainda menor, e coroado em 1841. Governou até sua deposição, com a República, em 1889. Culto, protegeu artistas e trouxe para o Brasil o telefone, que conheceu na Europa.

CLASSE MÉDIA

• É formada pelos que estão acima dos 50% mais pobres e abaixo dos 10% mais ricos. Segundo o Ipea, a renda média mensal dessas famílias é R\$ 683 (os 50% mais pobres ganham R\$ 224,20 e os 10% mais ricos, R\$ 2.395). Os chefes dessas famílias têm escolaridade intermediária: 65% estudaram de 4 a 12 anos.

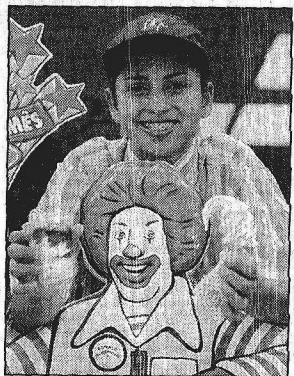


ABC, ANOS 70

• No fim da década, o país foi sacudido por uma onda de manifestações e greves na região onde estava o setor mais moderno da indústria. Do movimento surgiram figuras como Lula, hoje presidente de honra do PT, e Vicentinho, presidente da CUT.

ABC, ANOS 90

• A crise e as mudanças na economia atingiram em cheio o coração da indústria automobilística no país. As montadoras passaram a importar carros, fechando postos de trabalho. De 205 mil metalúrgicos em 87, hoje há 104 mil.



SERVIÇOS

• Nos últimos 10 anos, a participação do setor no mercado de trabalho vem crescendo, em detrimento do emprego industrial. Em 89, a indústria empregava 21% dos trabalhadores dos 6 maiores centros urbanos. Hoje emprega 15%. Já o setor de serviços passou de 41% para 46%, segundo o IBGE. O McDonald's tomou este ano da Volkswagen o título de maior empregador do país: mais de 30 mil. Segundo o Ipea, dos 65 milhões de brasileiros com trabalho, 32 milhões estão no setor de serviços. A indústria emprega 9,5 milhões.

não são mais os portadores do novo dinamismo. E há novos tipos de ocupação, que não são propriamente de emprego. Por exemplo, todo o setor de informática, o setor, também novo, de entretenimento, muitas atividades culturais, em que há trabalhadores no sentido amplo, que não são operários no sentido estrito e que têm uma enorme presença e muito pouca representação, muito pouca organização sindical."

MERCADO DE TRABALHO

"Existe também um processo conhecido da transformação do emprego estável em ocupação e da saída do mercado formal de trabalho e ingresso no mercado informal de trabalho de uma numerosa massa de trabalhadores. Esse mercado informal, no passado, era concebido como se fosse todo ele uma espécie de subemprego. Não é mais o caso. Há um mercado informal que não é subemprego. Às vezes até, como algumas pesquisas têm demonstrado, têm rendas maiores do que seus congêneres do setor formal. E, não obstante, a legislação trabalhista não o abrange. As regras da relação trabalhista se aplicam diretamente aos setores mais tradicionais. Assim, esses setores informais tampouco têm uma representação sindical à altura do seu peso relativo na composição da força de trabalho. Não quero dizer com isso que não exista subemprego. Obviamente, há subemprego: uma outra categoria grande da população brasileira que não se insere nem no setor informal, em atividades regulares sem remuneradas, nem, obviamente, no formal."

DESLOCAMENTO DE POPULAÇÕES

"No campo houve um enorme deslocamento de populações. E até exclusão. O movimento dos sem-terra é um exemplo. A exclusão não está apenas no campo. O movimento dos sem-terra — na medida em que houve também um movimento forte de reforma agrária, de assentamentos das famílias no campo, de programas específicos de apoio a esses setores, como o Pronaf e o Procefa — foi diminuindo a massa de pressão. Com isso, os movimentos sociais do campo, como o MST, passaram a recrutar na cidade. E aí recrutam aqueles que estão na cidade, excluídos do novo dinamismo do campo, ou às vezes da inércia mesmo do campo."

ANTIGA CLASSE MÉDIA

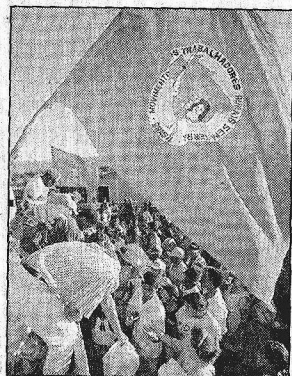
"As classes médias burocráticas, ou seja, as ligadas ao Estado, perderam centralidade política, grande parte da capacidade de pressão que tinham no passado. Mas ainda fazem pressão, sobretudo as classes médias burocráticas ligadas a empresas estatais. Eles reagem, por exemplo, à privatização, contra as transformações que estão ocorrendo também na relação entre o Estado e o setor produtivo privado. Esses setores da classe média se apegam a uma série de concepções que para eles correspondem ao interesse nacional, quando na prática correspondem aos interesses deles, a posições confortáveis no Brasil burocrático do passado. Esses setores provavelmente perderam — ainda têm capacidade de voz, mas perderam — centralidade política. Na medida em que o Brasil se modernizar mais, novos polos de dinamismo vão surgir."

NOVA CLASSE MÉDIA

"Por outro lado existe uma nova classe média. Tomem o Rio de Janeiro. Todo o desenvolvimento, não apenas do setor automobilístico — uma indústria automobilística mais modernizada que a do ABC — mas sobretudo a indústria de petróleo e as telecomunicações, tudo isso abre oportunidades novas, não apenas para trabalhadores, mas para pessoas de classe média. Uma classe média que se liga, agora sim, ao setor produtivo mais modernizado. Há, também, novas opções para a profissionalização na indústria. Por exemplo, todo o setor relativo à informática, à área de propaganda, enfim, muitas outras atividades ligadas ao dinamismo da sociedade contemporânea. Isso sem deixar de mencionar as novas classes médias que trabalham na indústria, na parte de engenharia, de design, de criatividade, do desenvolvimento tecnológico, que é uma parte importante também da atividade. Em São Paulo, vejamos o que está acontecendo com a indústria de aviões e de espaço mesmo. Em São José dos Campos há um forte renascimento de setores técnicos das classes médias que estavam sem tantas oportunidades no passado e voltam a ter ou começam a ter uma oportunidade grande. Isso se espalha por esse interior moderno do Brasil que pega São Paulo e também boa parte de Minas, pedaços de Goiás, do Paraná, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul e do Rio." *Continua na página 5*

MERCADO INFORMAL

• A década foi marcada pelo aumento do emprego informal. O último boletim da Secretaria de Trabalho do Rio mostra que em 91 14,7% dos trabalhadores dos seis maiores centros não tinham carteira assinada. Os autônomos eram 19,9%. No primeiro quadrimestre deste ano, os sem carteira representavam 18,4% e os autônomos chegavam a 23,7%.



MST

• O movimento que reúne os trabalhadores rurais sem terra começou no Rio Grande do Sul com a ocupação da Fazenda Anoni e cresceu politicamente após o massacre de 19 sem-terra no Pará, em 96.



SETOR PRODUTIVO MODERNIZADO

• Em São José dos Campos, fica a Embraer, segunda exportadora do país em 98, com US\$ 1,2 bilhão, atrás da Vale do Rio Doce. Encomendas externas de novos jatos poderão representar lucro este ano de US\$ 1,8 bi.